

Literatura e hibridismo cultural na fronteira Brasil-Paraguai

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, UFGD

Resumo

O trabalho visa a divulgar pesquisa acerca da obra do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo. Trata-se de escritor regionalista cujo nome e obra mostram-se de significativa produtividade para os Estudos Culturais e para a região da fronteira Brasil-Paraguai. Originalmente, essas reflexões são, ainda, resultados do nosso projeto de pesquisa institucional, “Regionalismos culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteiras”, em desenvolvimento, e fazem parte do livro *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense* (2008), de nossa autoria. Sob esta perspectiva, nossa reflexão volta-se para a revisão do Regionalismo como renovada categoria trans-histórica, cujo conceito operatório torna-se validado, em sua análise, para explicar os atuais transladamentos culturais e ao que o discurso crítico latino-americano denomina “transculturação narrativa”.

Começo com um parêntese. Caracterizada pelos seus atrativos de um contexto histórico ligado à Guerra da Tríplice Aliança, magníficas quedas d’água, rios de águas cristalinas, trilhas, grande diversidade da fauna e flora, “Caminhos da fronteira” constitui região formada por um exuberante cenário ecológico. Dessa região, vetorizada pelos sintagmas “caminhos” e “fronteiras”, assim flexionados, que retomamos como espaço de intersecção em sua ampla significação, expandida em ressignificações tantas sobre o tópico da “fronteira” – caminhos da fronteira –, queremos desde logo descrever dois aspectos substantivos de sua identidade e representação cultural. O primeiro, refere-se à sua profícua produção literária despontando a recente edição de *Obras completas de Hélio Serejo*, de onde extraímos os livros intitulados *Pelas orilhas da fronteira*, de 1981, e *Fiapos de regionalismos*, de 2004, bem como a obra fundadora de Hernani Donato, *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*, de 1959. Ambos os escritores e respectivas obras ilustram o contexto de exploração do ciclo da erva-mate, ambientadas na região Centro Sul do estado e refletem narrativa épica que narra as “dantescas condições de trabalho da região” à época da exploração da erva. O segundo aspecto diz respeito à caracterização geofísica da fronteira Brasil-Paraguai e vai nos interessar, de modo particular, na medida em que amplifica as ramificações dos caminhos e fronteiras, aspecto central deste capítulo e do trabalho como um todo: sob o ponto de vista do espectador, ao lado de um dos marcos que sinaliza os limites entre os dois países, apenas uma estrada de quinze metros de largura faz a divisa Brasil-Paraguai, causando sérias *confusões*, já que, teoricamente, à direita está o Brasil e à esquerda o Paraguai, mas nem sempre é desta forma, pois são *diversas* vias rurais, onde poucos se aventuram a transitar. Neste caso, a fronteira, sinalizada por marcos de cimento esquecidos no meio de um cerrado desabrigado e árido, é linha imaginária que marca, cicatrizando o imaginário desta região fronteira do País. Marco e cerrado fustigados pelo mesmo sol inclemente, desenhando uma paisagem que se perde de vista, alargando o olhar do observador para além, num horizonte infinito. Estamos, por conseguinte, no universo do erval e da prosa fronteira de Hélio Serejo.

Considerado o “nosso Catulo, o das paixões sul-mato-grossenses”, Hélio Serejo dedicou inumeráveis páginas à sua cidade de Ponta Porã/MS, fronteira seca com Pedro Juan Caballero/PY. Nascido em 1º. de junho de 1912, na Fazenda São João, no Município de Nioaque, Hélio Serejo faleceu no dia 08 de outubro de 2007, em Campo Grande, aos 95 anos de idade. Cidade predes-

tinada a sua, pois, segundo o abalizado escritor Elpidio Reis, se houvesse um concurso “para saber-se qual a cidade do mundo que mais livros tem sobre si escritos, Ponta Porã –com as obras de Hélio Serejo– ganharia de corpo inteiro!” (Lins, 1996: 79). Se em cada uma das regiões do Brasil encontra-se um relato constitutivo e próprio, aqui deparamos com a formidável narração de um escritor antes de tudo conhecedor dos mais variados estratos da gente, da formação étnica e do povoamento da região sul-mato-grossense. Em tudo e por tudo, a extensa obra de Hélio Serejo, cujas composições literárias são lendas, contos, poesias, narrativas ervateiras e evocações de imagens do sertão, é compêndio dos usos e costumes regionais e principalmente das tradições relacionadas com a atividade ervateira. É do próprio Hélio Serejo a caracterização mais adequada do *locus* de enunciação de sua variada produção de textos e o próprio lugar da cultura na qual se filiou, num emaranhamento resultante no contexto geral de sua prosa poética. Em “Amor pelo crioulismo”, relato que abre a coletânea de contos *Contos crioulos*, lê-se no primeiro parágrafo: “Desde meninote fui assim: um enamorado, (...) das paisagens sertanejas, portanto, dos ‘mistérios’ das coisas charruas. Fui – sem nenhuma dúvida – um trilhador de caminhos, um observador incansável, um perguntador de muito fôlego.” (Serejo, 1998: 35). Continua o narrador, falando da intensidade com que sorveu todos os momentos formadores de um “crioulismo embriagador”:

Sorvi, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômoros, os brejos infindáveis, as croas, o vargeado de moitas clorofiladas, os pára-tudos chamadores de raios, a solitária lagoa de água azulada, os trilheiros dos bichos-do mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos alagadiços, a algazarra ruidosa das ‘baitacas’ na roça de milho, as ‘canhadas’ onde as aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desganhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarada, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da quebra d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. (Serejo, 1998: 35)

Também o relato “Das coisas crioulas” é emblemático, principalmente pela fixação do crioulismo e das experiências no mundo bruto da erva-mate, onde o crioulismo “imperava, não só na vivência diuturna, mas também no falar, nas brejeiradas, nas manifestações de alegria, nas festanças e nas caminhadas exploradoras.”, pois que o crioulismo se manifesta em toda a labuta do ervateiro:

O velho pilão, o catre mal trançado, o arreio cacareco, o gamelão, o maroto chapéu carandá, o poncho descolorido, soltando fiapos, a forma de rapadura, o ferro de brasa para passar roupa, a mariquinha, corote, o panelão de ferro desbeijado, o porongo guardador de água, a caneca de latão, o resto de cobertor para se defender do frio, o sapatão de couro de anta e centenas de outros pertences são marcas indestrutíveis do crioulismo. (Serejo, 1998: 145)

A presença do autor como narrador e/ou personagem é uma constante nos relatos de Hélio Serejo. Em muitos deles é a figura do próprio pai do escritor –o furador de sertão Don Chico Serejo–, que, em companhia de Hélio Serejo tornam-se desbravadores e criadores dos “Ranchos”, espécie de parada, morada que abrigava o ervateiro, frequentemente assentados em lugares tão ermos que eram batizados de “divisas com o inferno”, pois situados em região de difícil acesso onde a maleita não perdoava nenhum vivente. Atravessando as lonjuras da linha fronteira e só conhecendo uma estrada boiadeira, por ali chegavam leves guaranis, paraguaios que sofriam, derramando o seu suor no *mundo bruto e selvagem da erva-mate*, trazendo *para os ervais da região sulina mato-grossense, muitas criaturas excêntricas, algumas de hábitos verdadeiramente anormais, e até denotadoras de demência* – como relata em “Tipos excêntricos dos ervais”. Tipos pertencentes a um mundo de amarguras, misérias e desgraças, como a personagem Zico do conto homônimo, dono

de uma filosofia crioula, que Serejo assim caracterizou: *frangalho humano, açoitado rudemente pelo vento de todos os infortúnios, caladão e envelhecido, descrente e amargurado*; e ainda como as personagens Palmira e seu filho, no relato de “O conto”, que tinham uma expressão de horror na face bexigosa e desenhados, nos próprios gestos vagos, o infortúnio e a dor. Tipos que concorrem e resultam da paisagem aberta, vazia e distante, formadora do variegado cipoal dos ervais. Provêm desse universo as lendas da erva-mate e do urutau, que ao lado da história da gente mato-grossense formam um fabuloso registro folclórico e de glossários, de que os “contos crioulos” denotam a capacidade inventiva do escritor na recriação da linguagem:

Dia e noite, noite e dia, eu me irrita e xingo, vendo esses pingos, pingo a pingo, caírem na calçada lamacenta. Pinga, pingando, vai o chuvisco pingando, tamborilando no zinco, parece até que dizendo: um pingo, outro pingo: um pingo, outro pingo. E nesse pingar, de pingos pingalhados, o homem pingando pensamento, embarafusta-se no tédio e, sem ser pinguço, pensa na pinga. Pinga esquentada, encoraja, e traz pingo a pingo, pingações de lembranças ao coração! (Serejo, 1998: 31)

Ademais, em toda a coletânea de *Contos crioulos* registram-se alusões e referências mil à *virtude de permanecer entontecido com os amanheceres e a magia do sol-se-pondo*. Seja no famoso “Discurso de posse” à Academia Sul-mato-grossense de Letras, seja em “Paisagem de erval”, ou ainda em “Paisagem sertaneja”, vamos encontrar o *continuum* significativo da escrita e da temática de Hélio Serejo, que ele deixaria consagrado na seguinte passagem de “Paisagem sertaneja”:

Dentro de mim, como bênção do Senhor, viverá para todo o sempre a fulgurante e evocadora paisagem sertaneja, formada pelo entardecer, raiar festivo das madrugadas, aboio comovedor do vaqueiro, tropel de xucros, fogo dos pousos, silêncio aterrador da tarde escaldante, vento sulão soprando desabridamente pelos campos e varjões, rechinar de carretas, cantiga de andariego, tropilha em marcha cadenciada, marcação, pega, roça granando, colheita, soca de monjolo, estralidar de galhos na tormenta, enxurrada, cantar melodioso do sabiaúna, vôo de seriema, cargueiros, fogo de galpão, queimada de roça, armadilha de caça sinuelo, junta de coice, pastorejo, festa de marcação, pega de baguais, floração campesina, redemunho de outubro, filigranas de luar, brilho das estrelas, vento bandoleiro balançando as folhas das árvores, o azul do céu imenso e cantaria de pouso ao anoitecer. (...). Desejo, sinceramente, morrer como um xucro, com os olhos embaciados, voltados para essa paisagem. (Serejo, 2008: 170-171)

Como autor de *Surrão crioulo* –uma coleção de cinco livros–, que levava em seu próprio surrão (embornal), Serejo formatou a tradução da vivência de um povo, tornando-se ele mesmo uma espécie de mimetismo da cultura fronteiriça deste extremo Oeste do Brasil Meridional. Sua obra constitui manifestação literária das mais importantes da região, e a que de forma mais completa se voltou para o registro da história e da vida na fronteira Brasil-Paraguai. Com longa história de vida dedicada à observação da cultura regional, a obra do escritor é imenso painel de análise de aspectos tão múltiplos quanto originais na abordagem das questões linguísticas, literárias e culturais a partir da convivência com os ervateiros, à época gloriosa da extração da erva-mate. Trata-se de obra que *per se* dá conta e constitui o registro de uma das regiões culturais mais singulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa “hinterlândia” inóspita. Retrato de um período de empreendedorismo que reuniu a região fronteiriça do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina, a obra do escritor é a tradução mais extensiva e completa de um mundo e de práticas culturais e de exploração que seriam substrato das denúncias encontráveis na crítica do paraguaio Augusto Roa Bastos, do representativo *Hijo de hombre*. Denúncia que Cecília Zokner recusou-se a aceitá-la como simples realidade ficcional, pois, ao deparar com a palavra *mensu*, sentira-se constrangida diante do significado dessa palavra

que mais tarde encontraria na obra *Obrageros, mensus e colonos* – no sistema das obrages constituindo o espaço do livro de Roa Bastos: “la ciudadela de un país imaginário, amurallado por las grandes selvas del Alto Paraná: ‘os ervais de Takurú-Pukú’” (Zokner, 1991: 103). Assim, a denúncia era sobre o destino do *mensu*, sobre o seu trabalho escravo na mata subtropical em território argentino e paraguaio na extração da erva-mate e da madeira. *Mensu* designava, portanto, o peão que chegava ao Brasil para trabalhar nas obrages, ou seja, nas lidas da erva-mate e das matas brasileiras, um ser de identidade perdida, subterraneamente sem remissão:

Um caminho que é no entanto, sem volta, porque nas cidades onde se realizava o conchavo existia, ainda, alguma lei, algum simulacro de autoridade; porém, apenas embarcados, ficavam à mercê dos *obrageros* e de seus capatazes. ‘Logo que embarcavam para o Alto Paraná, os paraguaios, já de início, começavam a sentir os efeitos do domínio de uma obrage’. Assim, uma das primeiras agressões a que estavam sujeitos era a de serem desarmados, sendo surrados, já na viagem, aqueles que por esta ou por aquela outra razão protestassem. ‘Mas já não tinha jeito, o vapor não voltava mais’. (...). Nos ervais de Takarú-Pukú os mensus chegavam amontoados numa chata ou caminhando cinquenta léguas por meio do mato, onde iam ficando os mortos de doença, de picada de cobra. Ou, os mortos pelos tiros de capatazes. (Zokner, 1991: 104-105)

Narrando a partir das orilhas da fronteira e testemunhando toda a gesta ervateira, Hêlio Serejo trouxe, através de sua volumosa obra, vida e memória a esta microrregião do ciclo da erva-mate. Se em “Boicará” o folclorista genial dá vida a um boi que nasceu nas “orilhas” da fronteira, criando assim a lenda do boi fronteiriço, em “Tereré”, ao evocar a convivência no erval, ele narra a história e os ritos envolvidos na prática comunitária em torno da roda de tereré:

Disseram já, e é verdade, que **o tereré, refrescante, é o abraço de quatro nações: Paraguai, o grande líder no uso, Uruguai, Argentina e Brasil**. Afirmativa sem contestación. Esta bebida criouja, em qualquer um desses pagos, significa emotivamente: descanso, hora de meditação, amizade, troca, parceria para o trabalho, alegria e, algumas vezes... troca de ideia para a fuga temerária. (Serejo, 2008: 197) (grifo nosso)

Assim, o “tereré” como a língua guarani destacam-se na prosa do escritor, principalmente na obra *Fiapos de regionalismos*, sobre a qual nos deteremos, sobretudo pelo seu ineditismo, pois que só hoje publicada em *Obras completas de Hêlio Serejo* (Serejo, 2008: 171-246). O livro, inédito, revela talvez o ponto mais alto da prosa serejiana; a partir do título o leitor depara a matriz poética de um regionalismo bem formatado na região de fronteira entre Brasil e Paraguai. Já no início, o relato de “Peão paraguaio” prolonga magistralmente o *topos* referido da língua guarani e sua amplidão a batizar com nomes a topografia e as “denominações dos acidentes geofísicos da República do Paraguai, parte da República Argentina e da República Federativa do Brasil” e revelando-se como sendo “a alma de uma geração insubstituível, é a própria natureza da América Latina.”. Na realidade, este relato traduz uma originalidade perspicaz, cuja ideia é nuclear quando se considera a capacidade plástica de um narrador não somente sensível, mas acima de tudo consciente do caráter representativo, simbólico, da linguagem para a caracterização de sua região, do regionalismo que se tematiza na obra como um todo:

As historicidades manifestadas por esta língua continuam sendo as mesmas de antes. As descrições tecidas pelas suas construções idiomáticas continuam sendo as mais encantadoras narrações. Nesta língua encontramos ideias onomatopaicas, acentos melódicos dos pássaros, das árvores, dos animais silvestres, das cascatas, dos mansos córregos, dos majestosos rios, dos campos floridos, o sibilar dos ventos, o barulho ensurdecedor das tormentas, a magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza. (Serejo, 2008: 178)

Ainda em *Fiapos de regionalismos*, noutro pequeno texto que vale a sua reprodução inteira, Hélio Serejo assim tece o relato de “Chuva fronteira”:

Tenho amor... amor grande pela chuva fronteira da minha terra. Chuva que cai devagarzinho que nem dá para assustar a pombinha-rola que caminha, aqui e ali, procurando o farnel que a chuvinha sossegada espantou do esconderijo para buscar o trilheiro dos bichos. A chuvinha fronteira rega a terra para que a semente da esperança brote e cresça livremente, produzindo fartura, fartura que traz alegrias e põe brilho de fé nos olhos do vivente... vivente que, de mãos postas, agradece a Deus, porque a chuva criadora choveu na hora certa, por vontade do Pai Eterno, que vela sempre pelo seus filhos amados. (Serejo, 2008: 242-243)

Um outro texto, digno de destaque, é “Apresentação”, que, assim intitulado, abre a obra em análise, projetando-a no universo do discurso sobre o regionalismo sul-mato-grossense e marcando o registro peculiar dessas narrativas, ao recobrir como um todo o mesmo livro *Fiapos de regionalismos*, que hora abordamos:

Este livrote pode servir aos estudiosos do gênero em alguma coisa. O autor acredita que assim venha a acontecer. A realidade está nele espelhada. É vivência nua e crua. Não há enfeites bombásticos, nem imagens literárias para impressionar o leitor. Homens entendidos das coisas do mundo da erva-mate e do idioma guarani manusearam os originais. Incentivaram de maneira franca o despretenso escritor dos ervais. Daí a publicação. (Serejo, 2008: 177)

Amplificando a caracterização do nosso personagem do erval, transmutado em autor-narrador, figurativização da voz serejiana, há que retomar a perspectiva dos *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, cujo herói, Jango Jorge, é descrito como o gaúcho que “tinha vindo das guerras do outro tempo; foi um dos que peleou na batalha do Ituzaingó (...)”, e é justamente a ele que seu Autor delega uma função indispensável no contexto do vasto pampa em que transcorrem as narrativas dos *Contos gauchescos*, numa ambiência e “fábula do lugar” que se pode transladar como citação de muitas falas do nosso narrador-autor, Hélio Serejo, que, como vimos nos excertos citados, frequentemente vai se mostrar como seguindo os ecos da voz e assim relendo aqueles *Contos*:

Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar os campos da fronteira: à luz do sol, no desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...; ainda que chovesse reünos acolherados ou que ventasse por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada! (*apud* Chaves, 2006: 63)

Devemos ainda chamar a atenção para o processo de colonização no Sul do estado de MS enquanto resultante de uma heterogeneidade cultural. Segundo Marin (2004), esse processo muito decorreu das uniões matrimoniais inter-raciais, cuja mestiçagem torna-se um conceito crítico adequado para a explicação do caldo de cultura, que Lévi-Strauss atribuíra às “tradições brasileira, paraguaia, boliviana e argentina.”, onde os elementos da indumentária eram de uso comum e alternado entre as diversas populações e etnias da região. Ainda, como zona de interculturalidade, de hibridismo cultural, a língua era o elemento agregador que, na realidade, se tornou constitutiva de uma Babel linguística:

(...) a língua predominante era o guarani, seguida pelo castelhano, tornando a região numa nova “Babel”. A língua portuguesa era pouco empregada. De ambos os lados da fronteira, após uma polca alegre, ouviam-se aplausos bilíngues, trilingues. Nas corridas de cavalo, o juiz de

partida gritava a ordem de largada em guarani e repetia logo após em português. (*apud* Marin, 2004: 329)

De resto, deve-se salientar que a percepção de transnacionalização da região, calcada sobretudo na urbanização das cidades do antigo sul de Mato Grosso do Sul, torna-se aspecto relevante para o que observa o autor de *Nas águas do prata* (2009):

O movimento de populações no Cone Sul era uma via de mão dupla. Da mesma forma que paraguaios desciam o rio para trabalhar na Argentina e no Uruguai ou subiam para o Mato Grosso, também os brasileiros, os argentinos e os uruguaios se movimentavam em busca de melhores condições de vida e trabalho. (Oliveira, 2009: 57)

Decorria deste fato a mescla da língua que, fertilizada pelos contatos interculturais, resultava na mistura do guarani com o castelhano, carregada de “pitadas do regionalismo gaúcho”, despontando sobretudo devido à “exploração de madeira no Pantanal, nos ervais, nas fazendas de gado, entre outras atividades fronteiriças que utilizavam especialmente o trabalho compulsório de índios e paraguaios” (Oliveira, 2009: 56). Neste contexto, o ciclo da erva-mate também vai encontrar um precioso registro dessa temática na obra fundadora de H. Donato (1959); ambientada na região Centro Sul do estado de Mato Grosso do Sul, trata-se de pujante narrativa épica que narra as “dantescas condições de trabalho da região” à época da extração da erva, daí extraindo a seiva para o que a crítica caracterizou a obra como “um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil” (Lucas, 1987: 53-54). A história do mundo do mate encontra sua robustez seja nas obras de Serejo e de Donato, seja na própria selva, ambas tema e personagem do “drama do mate”, a encontrarem ressonâncias em tantos textos-denúncia da luta do homem com a terra e das histórias de explorados e exploradores. Eis a descrição do dia-a-dia do peão do erval:

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a plantilla, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados de comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim. (Donato, 1959: 16 *et seq.*)

Como vemos, a (re)verificação, seja de perspectivas críticas atuais, seja de obras e autores postos à margem, nas “orilhas”, como demonstrou Sarlo (2007), permite a rediscussão, hoje, acerca da natureza e funcionamento dos textos dentro de uma ordem e escala de catalogação que impõe considerar questões muito sérias como as que se vêem polemizadas em reflexões críticas como a de Casanova (2002). Logo, não causaria espécie estarmos a tratar de escritores como Hélio Serejo e Hernani Donato, dois escritores sul-mato-grossenses, que, tendo angariado relativa ou maior fortuna crítica, fazem jus à sua apreciação. Sobretudo quando, críticos e estudiosos do assunto vêm recolocar a pertinência do lugar, do regional, quer em função de uma abordagem de “periodização e regionalização literárias” ou da crítica das literaturas de fronteiras.¹ Segundo Chaves (2006: 38), a extraordinária capacidade de renovação de um Jorge Amado,

(...) se exerceu sempre sobre a sua base regional, o recôncavo baiano, (...). Residia no acervo lendário e folclórico (às vezes sociológico) da região que o escritor ofereceu à literatura, fosse o naturalismo de *Jubiabá* ou a prodigiosa invenção de Gabriela. Por isso mesmo, Jorge Amado constitui o caso limite do regionalismo brasileiro. (Chaves, 2006: 38)

1 A propósito, para uma leitura mais ampliada sobre a questão, remetemos aos ensaios assim intitulados de Tania F. Carvalhal, em *O próprio e o alheio* (2003).

E Guilhermino César, com perspicácia observou:

(...) Só pode enriquecer uma literatura essa busca apaixonada do que é típico na sociedade, quando nada, para que a expressão estética represente forças de vida convergentes, construa a autenticidade de dentro para fora, ou seja, buscando o geral e o universal, no homem e suas paixões. Em outras palavras, o regional é o primeiro estágio de toda literatura. Sob pena de cair no despaisamento, no incharacterístico, no formal, nenhuma literatura pode negar as matrizes de que procede o homem que ela traduz e representa. (*apud* Silva, 2009: 161)

Disso resulta o instigante convite à (re)verificação do conceito de regional e regionalismo hoje², dentro do que a crítica pontua como condição para uma real apreciação dos textos, nascedoura de sua representatividade no diálogo e “comércio” alfanegário, que frequentemente embaralha o lugar de enunciação vinculado à ideia de fortuna crítica. Esta, ainda derivada do agente “institucional” enquanto comprometido com todos os seus meios legitimadores, quais sejam, *editoras, críticos, revistas, jornais, televisão, rádio, publicidade direta, prêmios literários e outros*, como salientou outro crítico contemporâneo do porte de Wladimir Krysinski (2007: 1-14).

Bibliografia

- Carvalho, Tania Franco. F. 2003. *O próprio e o alheio*—Ensaio de literatura comparada. São Leopoldo, Unisinos.
- Casanova, Pascale. 2002. *A república mundial das letras*. São Paulo, Estação Liberdade.
- Cesar, Guilhermino. 1994. “Para o estudo do conto gauchesco VI - O Conto gauchesco, de Simões Lopes Neto aos Autores de Hoje”, *Notícia do Rio Grande: literatura*. Carvalho, Tania F. (org. e Intr.). Porto Alegre, IEL/Editora da UFRGS, p. 51-54.
- Chaves, Flávio L. 2006. *Ponta de estoque*. Caxias do Sul, Educs. Parte I: O limite do regionalismo, pp. 35-38. Parte II: A fronteira da literatura, pp. 61-69.
- Cortázar, Julio. 1974. *Valise de cronópio*. São Paulo, Perspectiva.
- Diniz, D. C. B. e Coelho H. R. 2005. “Regionalismo”, em Figueiredo, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora, UFJF, pp. 415-433.
- Donato, Hernâni. 1959. *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*. São Paulo, Autores Reunidos.
- Glissant, Édouard. 2005. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, UFJF.
- Lins, José P. 1996. *Hélio Serejo... Sublime poema!* Dourados, MS, Franquini & Santini Ltda.
- Lucas, Fábio. 1987. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo, Ática.
- Marin, Jérry R. 2004. “Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia”, em Abdalla Jr., B. e Scarpelli, M. F. (orgs.). *Portos flutuantes*—Trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo, Ateliê, pp. 325-342.
- Miranda, Wander M. 2006. “Conferências sobre literatura e identidade nacional” [coordenação: Marcílio França Castro; colaboração: Ana Martins Marques e Francisco de Moraes Mendes], em *Ficções do Brasil*. Belo Horizonte, Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, p. 131-169: A arte política de Graciliano Ramos.
- Oliveira, Vitor W. N. de. 2009. *Nas águas do Prata: Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá*. Campinas, Editora Unicamp.
- Sarlo, Beatriz. 2007. *Borges: un escritor en las orillas*. Madrid, Siglo XXI. Capítulo 3: La libertad de los orilleros, pp. 35-57.

2 Ver Paulo Nolasco dos Santos. 2009. “Fronteiras do local: o conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina”, *Revista de Literatura, História e Memória*. vol. 5, Nº 5. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rllhm/issue/view/265/showToc> Acesso em: 26 agosto 2009.

- Sserejo, Hélio. 1998. *Contos crioulos*. Campo Grande, UFMS.
- , 2008. *Obras completas de Hélio Serejo*. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul/Gibim, 9 volumes.
- Silva, Maria L. B. da. 2009. *Paisagens do Dom e da Troca: da reinvenção à invenção*. Porto Alegre, Literalis.
- Zokner, Cecília. 1991. “Mensu: história e ficção”, em *Para uma crítica latino-americana*. Curitiba, UFPR, pp. 101-111.

CV

PAULO SÉRGIO NOLASCO DOS SANTOS É DOUTOR EM LITERATURA COMPARADA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS/UFMG, PROFESSOR NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS/UFGD, E AUTOR DE NAS MALHAS DA REDE: UMA LEITURA CRÍTICO-COMPARATIVA DE JULIO CORTÁZAR E VIRGINIA WOOLF (1998), O OUTDOOR INVISÍVEL: CRÍTICA REUNIDA (2006) E DE FRONTEIRAS DO LOCAL: ROTEIRO PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO REGIONAL SUL-MATO-GROSSENSE (2008), ENTRE OUTROS.